Componente curricular: ARTE

6º ano – 1º bimestre

PROJETO INTEGRADOR

Componentes curriculares participantes: Arte e Geografia

Observar e coletar: fazendo arte em campo

A observação é, geralmente, o primeiro passo de qualquer investigação. Os filósofos e cientistas, desde a Antiguidade, muito antes da invenção das tecnologias modernas, vêm observando a natureza para tentar entendê-la e descrevê-la. Da mesma maneira, os artistas sempre usaram a observação para criar suas obras. Suas observações podem ser traduzidas e expressadas em desenhos, esculturas, peças de teatro, movimentos de dança, ou ainda em utensílios para o cotidiano e muito mais.

Às vezes, queremos chegar muito perto de um objeto para ver os detalhes que comumente ninguém vê. Podemos coletar os objetos e tocá-los para melhor analisá-los. Na geografia, podemos fazer estudos de campo, sair para observar a paisagem – e, por exemplo, pesquisar suas transformações. Na arte, podemos transformar um objeto – recortá-lo, pintá-lo, misturá-lo com outros etc. – para revelar um aspecto não perceptível anteriormente ou então para atribuir um novo significado a ele.

Neste projeto, vamos observar e coletar objetos, investigar suas formas, texturas, materiais e usos. O objetivo é refletir sobre o que pode haver em comum entre a geografia e a arte! Na primeira etapa, vamos usar a observação como exercício de investigação e o desenho como forma de registro. Depois, faremos uma expedição a campo, em busca de objetos e vestígios da paisagem. Por último, vamos elaborar uma obra com esses materiais e mostrar as nossas descobertas.

Justificativa

Os conteúdos do livro referentes ao primeiro bimestre enfocam a relação entre arte e vida. Perguntamo-nos sobre como a arte está presente em nosso cotidiano, e como podemos vê-la em todos os lugares. Este projeto pretende estimular a curiosidade dos estudantes e despertá-los para a percepção do mundo que os cerca, conectando a arte e a geografia. O intuito é mobilizar não só a criatividade, mas também o olhar investigativo dos estudantes, para que eles reconheçam estas dimensões em suas próprias experiências, descobertas e processos de aprendizagem. Por meio de uma abordagem lúdica, pretende-se estimular a imaginação, a concentração e a capacidade do estudante de formular seus aprendizados e de comunicá-los a outros.

Principais competências da BNCC trabalhadas

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Principais Unidades temáticas, Objetos de conhecimento e Habilidades da BNCC

**Componente curricular:** Geografia

**Unidades temáticas:** O sujeito e seu lugar no mundo, Mundo do trabalho

**Objetos de conhecimento:** Identidade sociocultural, Transformações das paisagens naturais e antrópicas

**Habilidades:**

**(EF06GE01)** Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.

**(EF06GE06)** Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.

**Componente curricular:** Arte

**Unidades temáticas:** Artes integradas, Artes visuais

**Objetos de conhecimento:** Contextos e práticas, Materialidades, Sistemas da linguagem

**Habilidades:**

**(EF69AR05)** Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, *performance* etc.).

**(EF69AR31)** Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

Cronograma

**Total:** 4 a 5 aulas

**Etapa 1:** 1 aula.

**Etapa 2:** 1 aula.

**Etapa 3:** 1 aula.

**Etapa 4:** 1 a 2 aulas.

Etapa 1 – Observação e registro

Material:

Lápis e papel.

Organização:

Atividade individual ou em duplas, dependendo da necessidade do professor e da turma.

Descrição da atividade:

O objetivo desta atividade é exercitar, dentro da própria sala de aula, a observação e o registro dessa observação por meio de esboços e desenhos rápidos. Você pode introduzir o tema do projeto a partir de perguntas sobre a situação-problema, as relações entre arte e geografia: *O que faz um geógrafo? E um artista? A observação é importante nos trabalhos de ambos? O que será que um geógrafo observa? E um artista? O geógrafo observa a paisagem? A paisagem é só aquilo que é natural ou a cidade também é uma paisagem? O artista também pode retratar uma paisagem? Qual a diferença entre os dois olhares?* O objetivo das perguntas é despertar o interesse dos estudantes pelo tema e prepará-los para a prática da observação. Muitas relações entre arte e geografia poderão aparecer na conversa, a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes. As perguntas certamente irão enriquecer a discussão. Ela pode ser registrada de modo individual, produzindo diversos apontamentos, ou de modo coletivo, gerando um único relato da turma.

Depois de introduzir o tema, você pode lançar o foco para o procedimento da observação: *O que é preciso para observar? Será que a atitude do observador – geógrafo ou artista – é diferente da que temos no cotidiano?* Em seguida, proponha que os estudantes partam para a observação prática: Estamos na sala de aula todos os dias. Mas será que existem detalhes nos que ninguém repara? Ou talvez um ângulo nunca antes explorado? O corpo todo pode participar da observação: eles podem se aproximar ou se afastar de objetos, adotar ângulos inusitados, olhar por baixo das cadeiras e mesas, sentar ou deitar no chão.

A observação investigativa não envolve somente a visão, mas todos os sentidos. Podemos observar objetos através do toque, do olfato, da audição e, em alguns casos, até do paladar. No caso desta atividade, todos, incluindo as crianças com deficiência visual, podem usar o toque para explorar o material antes de   
desenhá-lo.

Lembre aos estudantes que, se colocarmos algo no microscópio, sua aparência será muito diferente daquela que percebemos a olho nu. Se cortarmos uma rocha ou um tronco de árvore, ou fizermos uma escavação, poderemos ver os objetos de modo diferente. Isso pode fazer com que os estudantes soltem a imaginação e não se preocupem em produzir um desenho com um resultado realista. Se possível, tenha vários papéis disponíveis para cada estudante. Estimule-os a guardar os esboços, chamando a atenção para o fato de que, em uma pesquisa – seja artística ou científica –, o resultado pode ser importante, mas todo o processo é valioso.

Etapa 2 – Arte em expedição: coletar em campo

Organização:

A classe como um conjunto ou em grupos menores, de até cinco integrantes.

Descrição da atividade:

A proposta é que os estudantes possam sair da sala de aula e buscar diferentes materiais e objetos nas outras áreas da escola. Pode ser uma expedição coletiva ou dividida em pequenos grupos. Antes de sair, é interessante resgatar a conversa da etapa anterior sobre a atitude do observador. Relembre que, ao adotar essa atitude, o estudante estará concentrando sua atenção no objetivo da saída a campo. Nesta etapa a experiência do toque será ainda mais importante. Cada um pode explorar a textura, o peso e o tamanho dos objetos encontrados. Reforce a ideia de que, para compreender a passagem do tempo, as transformações naturais e aquelas feitas pelo homem, tanto podemos observar a paisagem olhando de forma mais ampla, como também podemos observar os pequenos detalhes.

Converse com eles sobre quais objetos eles imaginam que encontrarão no caminho e quais deles podem ser coletados. Certamente podem ser coletados plantas, pedras, terra, gravetos, mas também tampinhas e outros resíduos caídos pelo chão, pedaços de construção, etc. Para organizar a expedição, reflita com os estudantes sobre o espaço físico disponível na escola para guardar o material coletado. Assim, todos devem pensar e decidir sobre a quantidade e o tamanho das coisas que poderão ser coletadas.

No retorno à sala de aula, é possível fazer uma roda de apresentação dos objetos encontrados. Peça para cada um contar para a turma qual foi a sua descoberta. Instigue os estudantes a pensar sobre a origem desses objetos: se são naturais, produzidos artesanal ou industrialmente. Essa parte da atividade pode ser realizada também ao ar livre, caso haja a possibilidade. Separe um tempo para que as descobertas possam ser registradas em pequenas fichas, incluindo o nome do pesquisador, o nome do objeto, suas características e seus usos. Por fim, os estudantes devem cuidar do seu material coletado, guardando-o em um local apropriado.

Flexibilização:

Caso não haja espaço para guardar os materiais, coletar fragmentos de material e objetos pequenos, que possam ser guardados em envelopes ou pequenos sacos.

Etapa 3 – Selecionando e transformando

Material:

Lápis, diferentes tipos e tamanhos de papel, cola, tinta, fita-crepe, tesoura escolar.

Organização:

Atividade em dupla, ou pequenos grupos.

Descrição da atividade:

O próximo passo será selecionar e transformar o material coletado. Neste momento, é possível trazer para o debate exemplos de artistas, cientistas e instituições de arte e de pesquisa. No mundo da arte, podemos citar muitos artistas que trouxeram materiais, objetos e gestos cotidianos para dentro do museu ou para o palco. Muitas vezes, esses objetos foram incorporados com poucas modificações, como no caso do artista Marcel Duchamp, que criou o conceito de *ready-made.* Em sua época, a exposição, num contexto artístico, de objetos banais gerou um grande impacto, que transformou ao mesmo tempo os valores do cotidiano e da arte. Vários outros artistas trabalharam com materiais cotidianos, como o exemplo do brasileiro Hélio Oiticica (apresentado no Capítulo 7). Até mesmo gestos cotidianos podem ser incorporados em trabalhos de artistas, como na dança de Maria Duschenes (Capítulo 3).

Nas ciências, naturais e humanas, a observação do cotidiano e a coleta de vestígios podem ajudar a pensar o passado, reconhecendo, por exemplo, as eras geológicas ou as civilizações antigas. Um pequeno fragmento de osso pode ser um ponto de partida para descobrir muitas informações sobre animais extintos e a evolução das espécies. O pedaço de um vaso ou o tijolo de uma construção pode ser o primeiro passo para remontar toda a cultura de um povo.

Nesta etapa, vamos preparar nossos materiais para recontar suas histórias. Eles podem ser colados com outros, empilhados, embrulhados, abertos, pintados. Uma possibilidade interessante é criar composições com os esboços produzidos na primeira etapa, intervindo neles com o material coletado.

Flexibilização:

O processo pode resultar em produtos de tamanhos diversos – desde pequenas colagens até esculturas maiores –, dependendo do espaço disponível na escola para a produção, armazenamento e exposição dos mesmos.

Etapa 4 – A escola é o museu

Material:

Papel, lápis, caneta hidrográfica, tesoura escolar, régua, fita-crepe.

Organização:

Mesmas duplas ou grupos da etapa anterior.

Descrição da atividade:

Auxilie os estudantes a preparar fichas para acompanhar os objetos que serão expostos. Relembre a apresentação da primeira aula: Você se identifica mais como artista, como geógrafo, ou como os dois? Como você quer que seu nome apareça na exposição? Outra parte importante da ficha é o nome do objeto e sua descrição. Este é um bom momento para conversar sobre a história deste objeto. Uma pedra vem de onde? E uma tampinha de garrafa? Ela foi feita pelo homem ou já existia na natureza? Qual seu uso? E o seu destino? Quais impactos ambientais este objeto pode *causar*?Já que transformamos estes materiais, podemos também reinventar essa história para colocá-la na exposição.

Com as fichas prontas, os estudantes devem organizar uma exposição em um local de uso coletivo na escola. Caso sejam feitas colagens, elas podem ser fixadas em algum corredor. No caso de esculturas, podem ser alocadas em cantos da escola ou em um conjunto de mesas. Até mesmo uma sala ou o ateliê podem ser reservados, se houver essa possibilidade. É importante que a ficha fique bastante visível para identificar a obra. Depois que a exposição for desmontada, as fichas podem ser coladas no caderno ou no diário de bordo dos estudantes.

Flexibilização:

Esta etapa pode ser realizada em duas aulas, dividindo o tempo para a produção das fichas e para a montagem da exposição.

Avaliação

Sugere-se que a avaliação do projeto seja processual e qualitativa, ou seja, que todos os produtos do percurso sejam analisados e que os procedimentos sejam avaliados por meio de reflexões coletivas e/ou individuais, de acordo com a percepção dos professores sobre o desempenho dos alunos. Os objetivos a serem alcançados podem ser discutidos com o grupo em momentos antes e depois das atividades. Além dos conteúdos específicos da linguagem, a cooperação e concentração também são elementos a serem explorados neste projeto.

Referências complementares para o professor

**Internet**

Exposição virtual Maria Duschenes

Disponível em: <<http://museudadanca.com.br/blog/maria-duschenes/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Verbete enciclopédico sobre Marcel Duchamp

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9040/marcel-duchamp>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Museu Geológico Valdemar Lefèvre

Disponível em: <<http://mugeo.sp.gov.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Matéria sobre sítios arqueológicos no Brasil

Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2017/09/brasil-possui-mais-de-24-mil-sitios-arqueologicos-cadastrados>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

**Livro**

FAVARETTO, Celso. *A invenção de Hélio Oiticica*. São Paulo: Edusp, 2000. (Coleção Texto e Arte)